

FÍSSIL

Eduardo Baumann

“O amor não é uma fraude. O amor é um limite e nos mede”.

(Efraim Medina Reyes)

Problema meu. As palavras são inúteis. Escrevo para me livrar delas de uma vez por todas.

A pós-modernidade liquidez até os amores. Este papo de tudo que é sólido desmancha no ar. Bem-vindo aos relacionamentos biodegradáveis. Você não acredita nisso mesmo, acredita? Dane-se o Zigmunt, dane-se o Marshall. Um lance de dados jamais abolirá o acaso; aposto que o Breton sabia disso. Eu nunca acreditei em um amor que não fosse hiperbólico. Vertigem, tá ligado? Lugar-comum? Viva o turismo!! Clichês são imprescindíveis!! Como já observou Kerouac, o qual vem sendo ele próprio convertido em clichê por gerações on the road.

Eu deveria ter visto que era roubada desde o começo. Desde que eu a conheci naquela festa na casa da amiga em comum e que acabou com ela vomitando no meu mocassim quinze minutos depois de sermos apresentados. Aquele incidente instaurou uma intimidade imediata entre a gente. Daí ela falou em Zombies. Eu falei em Kinks. Ambos falamos em Beathes. Havia algo de anjo caído em seus piercings e tatoos. Meu olhar a fazia se sentir gostosa. Trocamos longos e-mails. Engraçado que nunca lhe escrevi uma carta. O computador vai abolindo a grafia. E a identidade? Adorava aquele seu jeito de Nietzsche de saias. Embora ela use calças na maioria das vezes. Em questão de semanas, discutíamos Hannah Arendt enquanto jogávamos Playstation e comíamos miojo vendo Godard. Mas aquilo foi se tornando um lance nouvelle vague total, com direito a triângulos. Ela aparentemente divertindo-se cada vez mais com a condição de vórtice que

lhe cabia. E eu cada vez menos confortável com o caráter poliédrico que a relação vinha assumindo. Todo meu estoque de tabus e totens veio à tona. Certas idiossincrasias não cicatrizam nunca. Fomos nos tornando um destes casais padrão, que a mídia se encarrega de produzir em linha de série, um destes casais que juram ser um só mas não compartilham a escova de dentes, que fazem sexo como se fosse amor, tão burocráticos quanto autofágicos. E ela sempre tão inábil para álibis. Joguei limpo, na medida do possível. Colecionamos equívocos. Representamos silêncios dignos de um filme sueco. Após danos mútuos e sucessivos, não demorou até que ela se definisse como solteira no perfil do Orkut.

Sempre tive um talento inato para despedida. Esta maldita síndrome de Casablanca. As time goes by. Um baita dèja vu.

O rompimento provocou um estrago considerável. Doeu, doeu muito. E a droga é que eu não estou sendo metafórico. Nenhum amor é inócuo, cara.

Recorri, embalde, aos manuais de auto-ajuda e sua felicidade à la carte. Cartesianamente. A memória tratou de revesti-la de uma beleza quase insuportável.

Restaram-me martírio do bolso. Cilícios metafísicos. Comme il faut. Aqui estou eu. À deriva. No um exílio pré-moldado, meu paraíso perdido com vista pro mar.

A odeio. Da boca pra fora.

Sou exatamente o que me falta. Sua ausência me constitui.

É claro que eu não aprendi lição nenhuma. Ta pensando que isso aqui é um bildungsroman?